



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

INDIANA JONES AND THE LAST CRUSADE / 1989 (Indiana Jones e a Grande Cruzada)

Um filme de Steven Spielberg

Realização: Steven Spielberg / **Argumento:** Jeffrey Boam / **História:** George Lucas, Menno Meyjes, segundo os personagens criados por George Lucas e Philip Kaufman / **Fotografia:** Douglas Slocombe / **Fotografia adicional:** Paul Beeson, Robert Stevens, Rex Metz, Peter Allwork (fotografia aérea) / **Efeitos Visuais:** Industrial Lights & Magic / **Efeitos Especiais** (Supervisão): Dave Watkins / **Montagem:** Michael Khan, Colin Wilson / **Música:** John Williams / **Intérpretes:** Harrison Ford (*Indiana Jones*), Sean Connery (*Dr. Henry Jones*), Denholm Elliott (*Marcus Brody*), Alison Doody (*Drª Elsa Schneider*), John Rhys-Davies (*Sallah*), Julian Glover (*Walter Donovan*), River Phoenix (*Indiana Jones em jovem*), Michael Byrne (*Vogel*), Kevork Malikyan (*Kazim*), Robert Eddison (*Cavaleiro do Graal*), Richard Young (*Fedora*), Alexei Sayle (*Sultão*), Alex Hyde-White (*jovem Henry*), Paul Maxwell (*Panama Hat*), Mrs. Glover (*Mrs. Donovan*), Vernon Dobtcheff (*Mordomo*), J.J. Hardy (*Herman*), etc.

Produção: Lucasfilm para a Paramount / **Produtores Executivos:** George Lucas, Frank Marshall / **Cópia:** digital, legendada em português / **Duração:** 124 minutos / **Estreia em Portugal:** Alfa, Amoreiras, Apolo 70, Berna, Eden, Império, Las Vegas, Mundial, Plaza, São Jorge e Star, em 15 de Setembro de 1989.



* * * * *

Talvez não seja arriscado afirmar, já, que **Indiana Jones and the Last Cruzade** é o filme que encerra uma época, que vai de meados dos anos 70 ao fim da década de 80, e que, em última instância, corresponde ao predomínio na indústria de Lucas-Spielberg. Não se subentenda daí que ele possa ter chegado ao fim, mas sim que outra dinâmica virá substituí-lo. Numa entrevista, ao mesmo tempo que punha de lado a hipótese de retomar o herói-arqueólogo, Spielberg anunciava a criação de um novo herói.

Mais do que Spielberg, a verdadeira sombra que paira sobre o cinema de espectáculo deste período é a de George Lucas. A ele se devem, como autor, as duas sagas que o percorrem: **Star Wars** e **Indiana Jones**, e que, para além do fenómeno que constituíram como campeões de bilheteira, dão testemunho da evolução dos comportamentos na sociedade americana, da intranquilidade dos começos dos anos 70, provocada pela crise energética de 1973, à segurança que a imagem "paternal" de Reagan transmitiu durante os seus dois mandatos na Presidência. Porque ambas as sagas, e um sem número de filmes que as imitaram, se colocam sob o signo da "busca do pai", transferida, nas ficções, para lugares míticos, no passado ou no futuro, forma mais eficaz de chegar ao inconsciente colectivo onde o imaginário tem as suas raízes. **Star Wars** e **Indiana Jones** são "histórias de fadas", onde não faltam ogres, dragões, princesas em perigo e cavaleiros andantes, onde se projectam os temores e esperanças. Daí a sua forma marcadamente maniqueísta onde o Bem e o Mal se materializam em símbolos imediatamente reconhecíveis.

Das duas sagas, a de **Indiana Jones**, parece ser a mais significativa, em particular nos seus episódios I e III que formam um corpo único, sendo **The Temple of Doom** uma "prequel" que, parcialmente, representa um desvio (é também o filme mais "negro" e sombrio da dupla). Certamente que a profissão de

arqueólogo de Indiana não deixa de ter um significado mais profundo do que o mero pretexto para a busca de tesouros míticos. E no caso do nosso herói os alvos dessas duas aventuras são objectos lendários que se ligam à sua busca interior a que apenas **The Last Crusade** dá corpo. A Arca da Aliança é o relicário da aliança dos homens com o Pai Celeste, símbolo de paternal protecção, cuja ruptura traz a insegurança e o temor, e o Graal é o símbolo da serenidade enfim alcançada. Daí que a sua posse não importe: é uma vitória interior sobre o medo e o reencontro com o Pai. A viagem labiríntica de Indiana faz-se conduzida pelo amor e por uma comunicação "divina" (as frases de Henry Jones moribundo, transmitem-se pelo pensamento ao seu filho que lhe vai buscar a salvação).

Os labirintos subterrâneos que Indiana percorre em todas as suas aventuras não são apenas meros itinerários físicos. Têm uma função significativa mais ampla que em termos cinematográficos encontra o seu paralelo mais imediato nos grandes filmes de Fritz Lang (No que diz respeito às influências de Lucas e Spielberg citam-se quase sempre Ford, Capra e Disney, mas é a do grande mestre alemão a que me parece que determina grande parte da sua obra: **Metrópolis** e **Die Frau in Mond** para **Star Wars**, **Moonfleet** e **Das Indische Grabmal** para **Indiana Jones**. E, neste último, será ousado ver também os sinais de **Der Mude Tod** e de **The Secret Beyond the Door**, também eles filmes labirínticos onde os cenários materializam as buscas interiores dos seus heróis?).

Viagem interior que acompanha simultaneamente a busca do pai finalmente materializada em apoteose em **The Last Crusade** (Spielberg dizia que «*Henry Jones é o nosso pai*», referindo-se a ele, Lucas e Harrison Ford), e a desse cinema clássico de que se assumem como herdeiros. Este último episódio parece começar com o encontro com outro "pai": John Ford, com os jovens escuteiros mergulhando numa paisagem rude com as formações rochosas do Novo México. É porém uma ilusão de óptica. Se memória do cinema aqui subsiste, é menos Ford do que Raoul Walsh com **Pursued** (também ele um filme sobre a perda do pai). E esta filiação torna-se mais flagrante na alucinante perseguição de moto na fuga do castelo: a velocidade, o ritmo, os próprios acidentes retomam esse espantoso "serial" concentrado que era **Desperate Journey**. Poderia ir mais longe nesta filiação: a figura patriarcal que em 80 se afirma na sociedade americana: Esse "pai" que "lavou" a nação americana do traumatismo do Vietname e lhe devolveu a confiança em si própria e nos seus valores, não é outro senão Ronald Reagan, um dos heróis daquele filme de Walsh. Desse ponto de vista, se se pode falar de um cinema "reaganista", ele deverá ser procurado mais nestes filmes de Lucas-Spielberg, do que nas suas manifestações superficiais e agressivas de Rambos & Cia.

Antes de ser "sequel" a **Raiders of the Lost Ark**, **The Last Crusade** é também uma "prequel": a primeira sequência do filme leva-nos a 1912, à juventude do herói onde não só são referidas as origens das fobias e dos objectos que são uma espécie de marca registada (o chapéu, o chicote), mas nos mostra também outra das suas características: a persistência na sua luta contra moinhos de vento, onde a derrota conta mais do que a vitória (quando esta existe nasce duma espécie de golpe de teatro: a Cruz do Coronado salva nas ondas do mar junto à costa portuguesa, e, por isso, quase que apetecia acrescentar, como Camões salvando o seu manuscrito) pelo que traz de experiência e de revelação (o final de **The Last Crusade** é, deste ponto de vista, paradigmático: é perdendo o Graal que encontra o amor do pai, aliás, toda a viagem conjunta é uma série de reconhecimentos e descobertas mútuas). Essa "viagem" ao passado é também uma forma de encerrar a saga de Indiana Jones, ao materializar o que fazia parte do mito. O encontro com o pai serve de remate. Já não há segredos e os dois podem partir ao pôr-do-sol, para entrarem definitivamente na lenda. Por isso **The Last Crusade** é **Raiders** mais o Pai, e a aventura percorre os mesmos caminhos e retoma quase situações idênticas em espaços geográficos semelhantes: o próximo oriente, os nazis alemães, com a luta no tanque retomando a do camião na primeira aventura e a hélice do navio tendo quase a mesma função que a do avião, e indo mesmo buscar alguns dos seus personagens (Marcus Brody e Sallah). Sendo aquele o tema, é natural que o personagem feminino perca a importância que tinha nos outros filmes: sendo apenas mais um elo que vai ligar pai e filho (ambos dormem com a agente alemã), requerendo a primeira personagem um destaque particular. Daí que a escolha de Sean Connery se tenha revelado particularmente eficaz: não só porque ele se identifica com um herói tão carismático como Indiana (James Bond), mas porque surge hoje como a figura mais marcante do cinema, em termos de imagem.

Indiana Jones and the Last Crusade surge assim como um filme jubilatório: de um período, de um género, até mesmo dos actores.

Manuel Cintra Ferreira

Texto escrito em 1995 por ocasião do ciclo "Do Céu Vieram as Estrelas".